

Panóplia

ANTOLOGIA

CANTANDO AURORAS

Quem conheceu a saudade
pode cantar auroras



ORGANIZADORA
ANDREIA MARQUES

AUTORA CONVIDADA
FABIANA ESTEVES

ANTOLOGIA

CANTANDO AURORAS

Quem conheceu a saudade
pode cantar auroras

© 2021 Editora Panóplia
www.editorapanopia.com.br
contato@editorapanopia.com.br

**Antologia Cantando Auroras,
Quem conheceu a saudade pode cantar auroras**
Diversos autores

Organização Andreia Marques
Revisão Dos autores
Projeto Gráfico Andreia Marques
Imagens www.unsplash.com

1ª edição
ISBN: 978-65-994947-8-9



Tipo de Licença:

Atribuição-SemDerivações-SemDerivados- CC BY- NC
Esta obra pode ser baixada e compartilhada desde que
o crédito seja atribuído à editora Panóplia.
Não pode ser alterada de nenhuma forma.
Não pode ser comercializada de nenhuma forma.

ANTOLOGIA

CANTANDO AURORAS

Quem conheceu a saudade
pode cantar auroras

ORGANIZADORA
ANDREIA MARQUES

AUTORA CONVIDADA
FABIANA ESTEVES



Sumário

Prólogo: Fabiana Esteves	7
Amanda Meireles	10
Ana Paula Monteiro	12
Camilo de Lellis Fontanin	15
Maria Chocolate	18
Elaine Regina Vaz	20
Fabiana Esteves	24
Francis Antunes	28
Inez de Paula	34
Karina Oliveira	37
Maria Veroni Martins	39
Paulo Pazz	42
Shirley da R. Garrido	45
Tallita Monteiro	48
Vanessa Oliveira	50
Autor Homenageado: Gilson Salomão Pessoa	52
Homenagem Post Mortem: Francisca Júlia da Silva	54
Organizadora: Andreia Marques	56

Prólogo

Autora Convidada



Fabiana Esteves

Professora, pedagoga formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Trabalha como orientadora pedagógica do município de Duque de Caxias (RJ). Faz parte do Coletivo "Encantadores de Letras". É escritora, poetisa e colunista no blog da Editora Panóplia, onde escreve semanalmente sobre maternidade e livros. Tem cinco livros publicados. É mãe das gêmeas Laís e Ísis, que comandam um canal literário no YouTube e Instagram, o Prosinhas Literárias com Laís e Ísis.

PRÓLOGO

Fabiana Esteves

Depois que engoli os anos, mais precisamente, a saudade passou a escrever-se verbete no meu dicionário. Criança, eu vivia o hoje, perdoava fácil. Adolescente, nem tanto, mas o passado ainda era muito próximo, o tempo não se diluía tanto.

Saudade adentrou meu vocabulário acompanhada da minha primeira perda. Meu avô, que não fui sepultar. Depois os cachorros, nenhum deles dotados de sete vidas. Mas mesmo antes disso eu já procurava palavras no dicionário para descrever a falta. Só não sabia exatamente falta de quê, ou de quem. Inventava perdas em meus poemas, queimava as cartas de amor de outrora para fazer "pó de saudade". Não eram reais, não doíam de verdade.

A saudade só virou verbo quando partiu minha avó Maria, mãe com açúcar que se diluiu na água da memória. Muita gente me disse que ia passar mas não passou. Muita gente me disse para não chorar e eu, claro, não obedeci. Chorei. Minhas lágrimas viraram um livro que ganhou o mesmo nome do poema de dor inventada: *Pó de saudade*.

Mas agora, a dor era real. E não passava. E não passou. Passou a viver comigo como os óculos que carrego no rosto. Ela me enfeita, me veste, me eleva. Faz parte de mim. Canto todos os dias as auroras que passei com minha avó. A mesa posta para o café da tarde, o inhame com melado, a couve

fininha temperada no alho, o feijão de sabor incomparável... Alimento a minha saudade como quem alimenta os animais de estimação. Alimento porque o amor não me permite esquecer. Pessoas imensas provocam saudades transbordantes, ondas gigantescas de ausência. Quanto mais doce a presença, mais dói o vazio da falta.

Esta antologia "Cantando auroras" vem assim, recheada dos vazios de outrem, vazios que completam. Vivendo a saudade dos meus pares, eu revivo as minhas, encontro alento. Deito no colo das perdas alheias para reencontrar as minhas. Cantemos as ausências para encontrar melodia na mais sublime palavra da Língua Portuguesa: a saudade.

Chico



Amanda Meireles

Amanda Meireles é admiradora da poesia e autora de livros infantis. Ama conversar com as crianças e espera, através da literatura, tocar corações como o seu tem sido tocado.

CHICO

Amanda Meireles

Saudades do Chico.

Do seu sorriso, aquele que trazia à sua feição de homem batalhador a leveza de menino pequeno.

Das raras, mas contagiantes gargalhadas. Dava gosto de ver!

Do seu coração, tão gigante feito a montanha mais alta do mundo.

Aliás, nem tal montanha acomodaria tanto amor. Essa peculiaridade era do Chico. Transbordava empatia quando ninguém sabia que isso tinha nome.

Sem jeito para abraçar. Pai de três meninas, envolvia seus pescoços mais como se fosse um golpe de brincadeira do que um abraço. E quem disse que abraço tem jeito? Se tiver, prefiro o jeito do Chico. Abraçava com o coração.

Extravagância não tinha; bíblia sempre nas mãos, joelhos no chão, mãos no arado, pés experientes no caminho estreito.

A criatura feita imagem e semelhança de Deus não é uma forma física; é caráter, atributo.

Nasceu, cresceu, cuidou. Amou mais do que viveu. Mas quem a gente ama não morre, a saudade não deixa.

Chico era meu pai. Hoje é minha saudade. Sempre será meu exemplo, meu herói, meu amor.

Se posso cantar auroras, é porque conheci o Chico.

A força poderosa da vida



Ana Paula Monteiro

Doutoranda em Educação, Pesquisadora da área de formação de professores. Professora Universitária, Coordenadora Pedagógica da Rede Pública de Nilópolis. Escritora de livros infantis, especialista em educação infantil e educação especial.

A FORÇA PODEROSA DA VIDA

Ana Paula Monteiro

Como é difícil para alguns dizer: Eu te amo!

Para outros, expressão fácil. O que não significa que contenha nas palavras o real sentimento do amor.

Convivemos uns com os outros em meio há tantas incertezas e dificuldades. Receber palavras que geram uma perspectiva de fé, encorajamento e carinho possibilitam o encanto das boas energias ao nosso fazer diário, contribuindo para nossa expectativa de uma vida melhor.

Receber um abraço, um aperto de mão, até mesmo um cumprimento está valendo para melhorar a autoestima e não custa nada, ou quase nada.

Muitas vezes o amor está na forma de se fazer algo para e pelo outro, como telefonar, responder uma mensagem como forma de carinho ou acalento.

Dizer eu te amo está muitas vezes no sabor ofertado por alguém que faz o seu prato preferido recheado com tanto carinho que realmente dispensa comentários.

A sintonia entre o casal que anda de mãos dadas na rua ou que mesmo separados os olhares se entrecruzam, e o sorriso já diz: Eu te amo!

A poesia recebida, o livro com uma dedicatória especial, as imagens registradas e compartilhadas em um momento de felicidade também estão valendo, se for sincero, corresponde

ao Eu te amo.

Não importa a forma, o formato, a roupa que você está vestido para dizer o quanto você ama alguém. O que vale de fato, é a sinceridade das palavras e a forma como se deseja afetar o outro. Melhore a convivência com o seu grupo.

Que seja leve como a brisa do mar, suave como o carinho no rosto, meigo como o sorriso da criança, mas não deixe de dizer: Eu te amo! Vale para você mesmo e para o outro, seja namorado, parceiro de vida, amigo, filhos, aquele familiar que você mais se identifica, não importa. Exercício que chegará até aqueles que não gostam de nós.

Potencialize a vida em bons sentimentos, faz bem a você e ajuda quem está ao seu lado. Deixe o amor florescer em seu coração. Quanto mais você ama, mais esse sentimento é multiplicado.

A nossa finalidade é o amor. Junção de todos os sentimentos.

Que o amor impere!

Tia Cinira



Camilo de Lellis Fontanin

Nasceu em 1962, na cidade de Americana. São mais de 50 anos de amor aos livros de Poesia, Romance, Conto, Crônica e também aos livros de Psicologia, Psicanálise e Física.

TIA CINIRA

Camilo de Lellis Fontanin

Creio que todos nós temos uma pessoa pela qual somos gratos a Deus por ela ter existido, ou ainda existir, e da qual não esqueceremos nunca. No meu caso, foi a irmã mais velha da minha mãe, a minha tia e segunda mãe, Cinira.

Tia Cinira não se casou. Embora, segundo ela própria dizia, tivesse tido um namorado e pretendente. Como permaneceu solteira, foi ficando para cuidar dos meus avós e de nossos outros familiares, quando caíam doentes.

Mas ela não foi só cuidadora, também trabalhou durante 40 anos em algumas indústrias têxteis na cidade onde moro ainda hoje. Ela foi uma companheira inseparável da minha avó Maria e ajudou, ainda, a meus pais na criação dos dois filhos.

Muito religiosa, pertenceu à Irmandade das Filhas de Maria e, por mais de trinta anos, prestou auxílio na igreja de nossa Paróquia.

E, como toda boa tia, ela também tinha seus dons culinários. E que dons! Suas especialidades eram os doces em caldas. Doces de abóbora, mamão, laranja, figo...

Tia Cinira tinha uma paixão, que carregava consigo desde a infância, quando aprendeu a ler e a escrever, frequentando a Escola Rural; a leitura de toda obra que lhe caísse em mãos. Apesar de gostar de ler todos os estilos literários, a Literatura Brasileira e a Teologia Católica eram as que compunham a sua

pequena biblioteca.

Foi ela quem me presenteou com meu primeiro livro, um exemplar de história infanto-juvenil, que não fazia parte do currículo escolar do, então, Curso Primário da década de 70. Assim, "Memórias de um cabo de vassoura", de Orígenes Lessa, foi o primeiro livro que ganhei nesses meus 58 anos de vida.

Ela deve ter visto, em meus olhos de menino de oito anos, a intensidade que surgiu neles logo depois que terminei de ler. E, baseada nisso, dias após a entrega do primeiro presente, deu-me mais três obras-primas.

Essa minha Tia Cinira era realmente muito mais que uma tia, ela foi minha segunda mãe e uma Grande Amiga.

A saudade vai ficar



Maria Chocolate

Maria do Carmo da Silva Miranda, mais conhecida como "Maria Chocolate", é fundadora e Mediadora de Leitura do Centro Cultural Comunitário Chocobim Biblioteca Comunitária MANNS, em Saracuruna, Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

A SAUDADE VAI FICAR

Maria Chocolate

Todos os dias, ao escurecer, lembro-me de você, meu amor. Lembro de você, ligando pra mim, perguntando o que teríamos pro jantar ou se íamos, juntos, fazer o nosso jantar.

Fico em silêncio, procurando resposta. De repente, paro pra ouvir pelo menos o telefone tocar e você me ligar. E o telefone não toca. Eu continuo em silêncio, perdida. Muito, muito perdida. Pensando no que fazer pro jantar se eu não tenho você pra chegar.

O peito começa a ficar apertado, a noite vai ficando mais fechada eu vou me deitar. Olho para um lado, olho pro outro, e lá você não está. O peito aperta mais forte, com as lágrimas nos olhos eu tento me acalmar.

Enrolada nas cobertas, começo pensar em como te encontrar nos meus sonhos ou, até mesmo, no meu pensar. O peito continua apertado e eu durmo meia hora, quarenta minutos. Acordo, olho pro lado e você não está. Começo a chorar e lembrar que você não vai voltar e a saudade vai ficar.

O meu peito continua a apertar, parece que vai me sufocar. Em um instante eu perco o paladar porque você não vai estar e só a saudade vai ficar.

Lembrança viva



Elaine Regina Vaz

Nasceu em Aracaju-SE, mas reside desde criança em Salvador-BA. É escritora e revisora. Escreveu seu primeiro poema aos 10 anos de idade. Mas só a partir de 2011 começou a se dedicar mais seriamente à poesia. Atualmente é colunista na Revista Vicejar.

LEMBRANÇA VIVA

Elaine Regina Vaz

Lembrança é uma coisa engraçada. É uma coisa que é quase uma pessoa, tipo aquela gente que não vemos há muito tempo e que, do nada, nos dá a honra de nos visitar justamente quando estamos mais esmolambados e usando, orgulhosos, nossas roupas de dez anos atrás.

A que veio ao meu encontro outro dia não quis furar essa linha de conduta. Caiu em cima de mim, repentinamente, enquanto eu já estava na cama, munida de todos os apetrechos necessários para aguardar o sono. Quando eu fechei os olhos, ela veio. E com uma força tão tremenda que a ideia de reabrir os olhos em seguida nem se apresentou como uma opção.

Deitada bem ali, eu me vi de novo criança no quarto da minha avó. Eu consegui sentir de novo o cheiro daquele quarto, aquele cheiro de roupa limpa, bem guardada e com um leve toque de naftalina (que a minha avó nunca deixava de usar). Também me veio a imagem da antiga cabeceira da cama de casal, que era uma espécie de baú, de madeira totalmente lisa e clara, no qual ela guardava alguns lençóis e travesseiros. Aquele cheiro tão conhecido também saía do seu guarda-roupa, habitado principalmente por vestidos simples, casacos, colchas, cobertores.

E eu senti novamente tudo isso, tantos (e implacáveis) anos depois. Se a máquina do tempo já tivesse sido inventada

e fosse vendida em cada esquina como um par de sapatos mágicos, talvez a sensação de tê-la usado fosse a mesma que eu tive: a de ser subitamente arrancada do hoje, assim despenteada, com roupas de dormir, medos, cicatrizes, esperanças e tudo, e ser arremessada de volta a um outro hoje, morto há muito tempo. Foi uma sensação tão louca que julguei mesmo que eu estivesse usando os tais sapatos mágicos.

Há tantos anos eu não me lembrava daquelas maçanetas, da cor daquelas portas, revestidas com uma camada grossa de um tom de laranja desafiadoramente sóbrio, portas que refletiam preguiçosamente a luz e eram cheias daqueles gruminhos que algumas tintas fazem. E, enquanto escrevo este parágrafo, não paro de ouvir o calmo e espaçado bleim bleim do relógio que ficava numa parede perto da sala, que nos dizia com cada bleim espichado e lento a hora exata.

Tenho que admitir: aquela casa era a minha Terra do Nunca, era para mim o lugar mais incrível do mundo. Ali era onde eu sentia uma paz que nunca mais achei em lugar algum.

Quando eu visitei a casa da minha avó, já adulta, muitas coisas já haviam mudado, começando por mim mesma. Não havia mais em mim aquele poderoso e indescritível encantamento. Foi quando eu descobri que talvez a paz que eu senti durante a infância não viesse tanto da casa, mas do coração da criança que via a magia ali. Eu ainda não conhecia tão bem os senhores intratáveis e melancólicos da vida adulta, isto é, as preocupações, as responsabilidades, as decepções, as dores, as perdas e os cansaços. Eu não era ainda tão versada em

medos e angústias. Os momentos da infância eram absolutamente livres e leves como a menina que eu era.

Acho que toda criança tem em si esse templo íntimo, eternamente fresco e aberto, onde a infância mora, despreocupada. A vida adulta ganha corpo, ganha os seus espaços. Mas há lugares dentro da gente nos quais ainda residem esses instantes puros. E é lá, nesses pedaços mais aquecidos e imutáveis, que há as memórias que nunca ouviram falar da morte.

Foi assim



Fabiana Esteves

Professora, pedagoga formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Trabalha como orientadora pedagógica do município de Duque de Caxias (RJ). Faz parte do Coletivo "Encantadores de Letras". É escritora, poetisa e colunista no blog da Editora Panóplia, onde escreve semanalmente sobre maternidade e livros. Tem cinco livros publicados. É mãe das gêmeas Laís e Ísis, que comandam um canal literário no YouTube e Instagram, o Prosinhas Literárias com Laís e Ísis.

FOI ASSIM
(Para Antônio Sciamarelli)
Fabiana Esteves

A casa antiga me esperava há tempos, mas faltava coragem de entrar. As pedras largas e quadradas cobriam o quintal em conjunto com a grama que há muito não via aparo. A falta de iluminação afastava mais ainda quem de fora avistasse. Quem sabia o que poderia encontrar? Só que naquela noite, eu, por mais incrível que pudesse parecer, sabia muito bem o que procurava, e, certo do que achar, enterrei o medo que me gelava os ossos. Fui em frente.

Gritinhos infantis ecoavam ao longe e meio como borboleta que escapa, pude ver o vulto de uma criança que corria. Estaria ela brincando de esconder? Vestida no seu roupão de toalha aberto, deixava à mostra o maiô estampado. Ela se movia mais rapidamente do que um inseto, e ria, ria, gritava: “Você não me pega!” Molhada, deixava as marcas dos pezinhos nas pedras. Seu rabo-de-cavalo pingava gotas que caíam como que pintando o caminho. De repente, ela desapareceu. Não ouvi nem vi mais nada. Cheguei à beira da piscina que, vazia, tinha o fundo coberto de folhas mortas. O vento frio me gelou as vestes. Nenhuma roupa, por mais quente que fosse, poderia me aquecer.

Uma janela estava acesa, lá estava marcado o nosso encontro. Eu reconheceria quando visse a luz, ela disse. Não ofuscante, não, pelo contrário, era bem fraca, penumbra de

lâmpião que dava ao ambiente um tom sépia de foto antiga. Subi as escadas. Escorreguei os dedos pelo corrimão coberto de poeira, mas ao cair no chão o pó brilhava. Era tão fino como fuligem. Ao chegar mais perto da porta de onde brotava a luz, a promessa de calor se anunciava: um morno ar, uma aura notória de aconchego. Estaria eu já tão perto dela? Ao entrar, tive certeza: a sala era outro mundo: nem sinal de poeira, vento ou escuridão. O cômodo guardava seus móveis de aparência real, confortáveis e de contorno dourado.

Eis que me sai dentre a cortina de contas, ela, a própria, trazendo consigo um perfume doce de rosas. Fazia tempo que não a via assim, tão clara. Estendeu as mãos em minha direção e não pestanejei, agarrei-lhe os dedos mansos e firmes, como no tempo em que dançavam nas teclas do piano. A pele enrugada de viço me jurava colo encostando-se na minha tão leve como brisa. Tocá-la assim me arrancava as palavras da boca. Desviando o olhar ela caminhou comigo até uma poltrona encostada na parede rosada. Sentou-se e sorriu para seu filho que, menino, derramava-se no sofá ao lado. Uma manta o cobria até o pescoço. Passou-lhe a mão pelos cabelos. Ele devolveu o sorriso, os dentinhos separados e miúdos. Ajoelhei-me diante dela e encostei a cabeça no seu peito. Seus batimentos, seu corpo pulsando vida em meus ouvidos... Atormentado de culpa, eu só conseguia dizer: “Sei que não tenho muito tempo...” Repeti seguidas vezes esta mesma frase até me pegar acariciando o encosto da poltrona. Foi tão rápido. Ainda sinto o calor do corpo dela. Foi tão rápido. Esperei tanto

por este momento... Quem haveria de me tirar as frases da língua? Onde estariam as conversas que teríamos? Não pude dizer palavra, repeti sem rumo a mesma frase até abrir os olhos e me deparar com a luz branca e intensa que vinha da lâmpada fria do meu quarto. Fitei o teto. Alguém apagou a luz. Quem?

Minha chuva de saudades tem uma poesia toda prosa



Francis Antunes

"Sou Francis Antunes. Pássaro humano. As palavras não nascem significadas, são apenas traços, curvas e sinais deixados à deriva no mar dos sentidos. E ninguém nunca expressará tudo com as palavras, pois tudo não é cabido às palavras, mas ao significado de uma vida inteira dentro de cada uma delas!... Sou anjo, porque meu coração é alma; e sou amante, porque minha alma é desejo!"

MINHA CHUVA DE SAUDADE TEM UMA POESIA TODA PROSA

Francis Antunes

- Eu já encontrei rostos tão mais bonitos que o meu, e pensei se teu olhar parou em um deles e esqueceu este meu que te espera amassado no travesseiro que você tanto abraçou dormindo aqui...

(O sol castiga a carne

A chuva refresca a alma.

O sol abre os caminhos na terra

Que a chuva corre e brota a semente.)

- Será que tua boca entregou o beijo com aquele suspiro final que parece uma brisa do mar batendo nos lábios de quem beijou o mar numa manhã boa de verão?...

(O sol mostra o horizonte

A chuva limpa o caminho.

O sol traz a sombra e a luz

Que a chuva faz nascer o arco-íris.)

- Será que tuas mãos tocaram um corpo diferente, percorreu e se jogou em outras curvas, se perdeu no suor de um perfume novo?...

*(O sol de manhã acorda
A chuva de noite descansa.
O sol carrega o suor do trabalho
Que a água da chuva banha de alívio.)*

- Será que meu gosto ficou preso enquanto assistia teu prazer pela janela de um desespero amordaçado de saudade louca?...

*(O sol seca as lágrimas derramadas na solidão
E a chuva orvalha lamúrias dentro do coração.
Desejo o sol para ver as feridas mais escondidas
E desejo a chuva para irrigar a emoção mais profunda.)*

- Será que teus pés ainda se enganam de vez em quando e seguem antigos caminhos onde nossos sorrisos abriam rosas e nossos corações pintavam declarações de amor eterno?...

*(Levantar-me-ei como o sol abrindo a primavera
E cair-me-ei com a chuva trazendo o verão...
... folhas velhas o sol retira e o broto lindo a chuva devolve.
... no frio o sol descansa cedo e a chuva se deita vestida de
neve.)*

- Tenho medo de perder a linha da nossa história em qualquer buraco na rua ou num traço torto no rosto de outro alguém, porque ando a sua procura em todos os cantos...

*(E o sol enfraquece a dor do amor antigo
E a chuva renova a saudade de quem foi partido.)*

- E se eu avistar teu rosto de novo pela caminhada por aí, sei
que estarei debaixo das mesmas estrelas que juntaram nossos
céus pela primeira vez...

*(O sol caminha sobre o céu azul
E a chuva corre sobre os ventos errantes.
Meu amor foi embora com o primeiro fio de sol
Mas sua lembrança verteu sobre mim como água de chuva
sem fim.)*

- Por isso, eu estou aqui novamente pra dizer que:
- Eu posso reinventar mil faces pra agradar;
Eu posso traduzir mil línguas pra declarar;
Eu posso te reconquistar todo dia por mil anos se preciso;
... Mas se você mantiver tudo assim:
A porta do coração fechada por 100 cadeados de mil segredos
E janelas trancadas e escoradas por armários pesados de
mágoas,
Então, meu bem,
Não sentirá o perfume das flores que deixo em sua porta toda
manhã da primavera,
Não ouvirá os poemas de saudade que declamo sob sua janela
em todo entardecer do verão,
Não verá as estrelas novas que pinteí de prata e salpiquei

purpurina no céu rosado do outono,

E não vestirá o cobertor com 2 corações tricotados com as iniciais do nosso nome que fiz pra te esquentar no inverno...

- Mas não espere que eu vá também pedir uma volta pra nós, já tem muitos nós na nossa história, e o que já foi um nó bem amarrado não terá volta em laço de cetim dourado... Por isso, eu vou apenas querer algo pra gente, não sei o que é também, mas todo reencontro será assim mesmo, não há como saber o fim apenas pelo começo, tem muitos meios possíveis de um início alcançar seu final, ou vai lá saber se reinícios cabem no meio, horizontes se renovam o tempo todo em olhares que nunca se abaixam...

- Não gosto de pensar em riscos que podem levar ao antigo fracasso, prefiro pensar em uma nova perspectiva de dar certo de algum modo ou sentimento bom... Ah, meu amor, não espere desculpas apagando as rasuras do passado, isso é uma história que já morreu de saudade num tempo que não é mais meu e seu... É aquele ditado que sempre te disse: Nas páginas da vida, as pessoas que insistem em rasurar, estas precisam de um ponto final; mas aquelas que escrevem com amor, somente reticências de saudade...

- Eis aqui expresso nestas palavras o mesmo rosto bobo daquela noite gostosa que a lua sorria pra nós, mas que agora escreve o amanhecer que te proponho: um simples café da

manhã só para dois num quarto pequeno de uma casinha
amarela, onde a gente chame e sinta como lar, um nascedouro
livre de saudade nova num futuro feliz pra mim e pra você...

... mas agora choro sozinho com lágrimas na chuva,
E amanhã, eu sei,
O sol aquecerá o meu peito de saudade sua mais uma vez...

Saudades de Você



Inez de Paula

Mulher negra nascida na baixada fluminense no estado do Rio de Janeiro, apaixonada por plantas e literatura, também Mãe de duas filhas, Pedagoga, Escritora, Pesquisadora da temática: Alfabetização e Letramento e Leitura, Fundadora de Projeto Leitura para Ousar e Transformar.

SAUDADES DE VOCÊ
Inez de Paula

Foi simples

Foi natural

Sim, um amor real

Carinho no toque

Carinho no olhar

No seu jeito de amar

Me sentir desejada

Me sentir amada

Que saudades me dá

Saudades de você

Vontade de você

Tantas coisas a falar

Olho no olho

Pele

Cheiro

Que saudades de você

E essa distância

Só aumenta

Amarga e seca a boca

Impede a vontade

Impede o desejo

Aí, que saudades de você!

Saudade que só



Karina Oliveira

Nasceu em Duque de Caxias e reside em Belford Roxo-RJ, autora e escritora iniciante, 22 anos. Atualmente é estagiária da rede municipal de educação inclusiva de Duque de Caxias.

SAUDADE QUE SÓ

Karina Oliveira

Saudade é aquilo de alguém que já se foi,
Saudade que dói,
Saudade que aperta a alma,
Saudade que não acaba mais...
Saudade de esperar e de ouvir,
por alguém que não está aqui...
Saudade das lembranças
de querer voltar ao tempo ...
E quem nunca sentiu saudade?!

Saudade é o amor que dói,
Saudade é o luto,
Saudade é indignação...
De não querer sentir:
Saudade é o pedacinho do verdadeiro amor,
Saudade é intensa,
Mesmo com o tempo não deixa de existir...

Saudade assim...



Maria Veroni Martins

Natural de Apuiarés - Ceará. Desde o ano 2000 está no Tocantins. Professora de Língua Portuguesa, escritora, sindicalista, feminista e ativista de Direitos Humanos. Militante de diversos movimentos sociais, dentre eles: MAC, MARCA, AMB, MNDH, MEDH e CDHT. Publicou seu primeiro livro Poesia, Renda e Luz, em 2009.

SAUDADE ASSIM...

Maria Veroni Martins

Sinto-te tão aqui
Bem junto de mim
Saudade assim
Só pode existir
Da ternura genuína
Do amor mais bonito
Do carinho infinito
Da bondade divina

Saudade assim
É algo sagrado
Do ventre habitado
Em mim

Ouço-te na brisa trigueira
No sereno da madrugada
Nos ruídos da noite rendada
Nos suspiros por ti, guerreira
Nosso anjo protetor
Para sempre nossa estrela guia
A mais pura magia
O mais sublime amor

Saudade assim
É algo sagrado
Do ventre habitado
Em mim

Vejo-te em cada recanto
Da cozinha a sala de estar
Do amanhecer ao deitar
Em nosso olhar teu encanto
Em teu colo nos criaste,
Em teu ventre a vida quis
Esculpir-nos de tua raiz
A vida que nos geraste

Saudade



Paulo Pazz

Nasceu e residente em Catalão-GO, licenciado em Letras. Membro da Academia Catalana de Letras, desde 2013, publicou 3 livros de poesias. Contador de causos, humorista. Atualmente funcionário público da rede estadual de educação de Goiás.

SAUDADE

Paulo Pazz

Hoje é dia de Lembranças.
Estas mesmas de antes,
As angústias também são
As mesmas de antes,
As lágrimas são as mesmas...
A saudade,
Bem, a saudade não é a mesma.
É maior... muito maior... doridamente maior.
Ainda que o tempo passe (ou até porque),
Habita em mim essa vontade de teu colo,
De tua segurança tantas vezes cultivada.

Hoje é dia de lembranças.
Hoje e mais um dia de saudades vivas
Como árvore de cerrado,
Vigorosas como o aço do teu olhar
Que moldava meu encantamento,
Tão presente quanto os sinais
Que deixaste perpetuados em mim:
A essência de teu sorriso,
A tua bondade, tua capacidade de seres lume
Clareando meus breus.

Hoje é dia de saudades salgando a alma,
Neste processo lento de me reconstruir,
Ainda que a dor sufoque e faça destilar
O que meu coração transborda cotidianamente.

Nunca esqueça



Shirley da Rosa Garrido

Carioca e residente em Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense desde o nascimento, em 03 de março de 1965. Cresceu em contato com a natureza amando todas as suas formas, principalmente os animais e plantas. Percebe o ambiente não pelo que vê, mas pelo que sente dele. Considera-se sensível, intuitiva, sonhadora e com uma quedinha para o lado artístico cultural. Atualmente, atua como Gestora e mediadora de leitura da Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva que integra a Rede de Bibliotecas Comunitárias Tecendo Uma Rede de Leitura desde 2013 e a RNBC – Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias.

NUNCA ESQUEÇA

Shirley da R. Garrido

Nada como um dia após o outro,
Da planta, a semente
Da saudade, um sorriso.
Para toda noite, há uma vida.
Para todo tema, uma poesia.
E a cada caminho uma porta.

Para todo fim, uma esperança.
Para toda tempestade, a bonança.
E a cada ida, uma volta,
Para toda lágrima, um sorriso.
Para todo abandono, um amigo
E um rumo a todo passo.

Para todo declive, uma subida.
Para toda vida, uma noite,
E todo começo, um fim.

Para todo escuro, uma luz
Para todo pecado, uma cruz.
E uma chance, a todo errar.
Para todo bem, um mal

Para toda chuva, um cair
Para tudo isto, um motivo...

E a todo motivo, um Deus.
Nunca esqueça:
Nada existe além da verdade,
É preciso tecer de paz
Nunca esqueça: Faça de sua vida um sonho
Da saudade, uma luz
E de seu sonho a sua vida.

Ponteiros da Saudade



Tallita Monteiro

Formada em Nutrição pela Universidade Federal do Piauí, mora em Teresina – PI. Apaixonada pelas palavras, ainda na adolescência usou a poesia como uma fonte de expressão dos seus sentimentos. Cada rima surge de forma espontânea revelando os segredos de uma mente apaixonada que fascina quem as lê.

PONTEIROS DA SAUDADE

Tallita Monteiro

Infinitos segundos de saudade
Cabem nas horas do meu dia
E o ponteiro marca a vontade
De desfrutar da tua companhia

Minhas palavras buscam você
Desejando-te inconscientemente
Insistindo sempre em me dizer
Que contigo o coração é contente

Tento aproveitar tua ausência
E mergulho em meus anseios
Remendando uma nova poesia
Com alguns versos esquecidos

Mas as lembranças me fazem perceber
Que preciso de ti para voltar a escrever
Pois novas inspirações só consigo ter
Quando de amor você vem me envolver

Saudades



Vanessa Luciana Ojeda da Silva

Nasci no Paraguai e moro no Brasil, em Duque de Caxias, desde a minha infância. Sou leitora, mediadora de leitura, designer, ilustradora e estou me conhecendo na área de comunicação, onde pretendo seguir profissionalmente. Há 13 anos, conheci a Biblioteca Comunitária MANNS, do Centro Cultural Comunitário Chocobim, onde cresci junto com ela. Comecei como leitora e sigo dentro deste trabalho pelo qual o objetivo é tornar a comunidade mais leitora com livros e informações de qualidade. Desenvolvi, por meio do voluntariado, a percepção da importância do coletivo, da leitura como direito humano e o respeito como principal objetivo para todo sonho a ser alcançado.

SAUDADES

Vanessa Luciana

Me permitir sentir saudades
A vida me deu muitas dessas oportunidades
de correr atrás ao reencontro em muitas dessas tive sorte
de lidar com a distância
o tempo corre também e é chegada a hora de partidas sem
voltas
elas são dolorosas e tristes
É inexplicável um desafio inevitável
e o coração sabe
ele sempre está trás dessa intensidade de sentir e se permitir
sentir saudades.

Autor Homenageado



Gilson Salomão Pessoa

Gilson Salomão Pessoa é jornalista formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com Pós Graduação em Globalização, Mídia e Cidadania pela mesma faculdade. Publicou os livros "Histórias de Titãs Quebradiços" e "Um Suspiro Resgatado".

FANTAMAS QUE BAILAM

Gilson Salomão Pessoa

Páginas manchadas
Lágrimas doces
Eternizadas
Melancolia da noite
Adocicada
Vem disfarçada de dor
Desesperada
Lembranças de tempos felizes
Marcadas
Em risos toques e beijos
Vaporizados
nas sombras da tua essência.
Somos fantasmas que bailam
Aliviados
Do peso da existência
Brincando com o peso do vento
Felizes
Pois é nosso
O tempo
Mergulhados no esquecimento
Dos mares inimagináveis
De cada suave momento.

Homenagem Post Mortem



Francisca Júlia da Silva

Nasceu em São Paulo, em 1871, e era conhecida como a “musa impassível”. Professora, poetisa e jornalista, escreveu para vários jornais de sua época. Em 1904, foi proclamada membro efetivo do comitê central brasileiro da “Società Internazionale Elleno-Latina”, de Roma.

MUSA IMPASSÍVEL
Francisca Júlia da Silva

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de Jó, conserva o mesmo orgulho; e diante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.
Celebra ora um fantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;
A rima, cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos.

Organizadora



Andreia Marques

Fundadora da editora Panóplia, é filósofa, escritora, poetisa, mediadora de leitura, blogueira, colunista e designer. Publicou oito livros infantis, todos pela editora Panóplia, e participou de diversas antologias. Nasceu no Rio de Janeiro e foi durante a infância que se encantou por literatura e fantasia, escrevendo sua primeira história aos dez anos. Mais tarde, vindo a trabalhar como designer, encontrou no mundo das imagens uma outra forma de contar histórias e começou a produzir literatura infantil.

AQUELA CASA CHEIA DE HISTÓRIAS

Andreia Marques

Quando criança, morava em uma casa meia água de telhas francesas, onde fui embalada, por minha mãe, com cantigas de ninar. À noite, via a luz da lua atravessando as frestas e fazendo sombras nas paredes. Por quantas vezes espichei o olhar medroso ao ouvir que o boi da cara preta poderia me visitar se eu tivesse medo de careta.

No entanto, não lembro da primeira vez que ouvi minha mãe cantando cordel. Católica dedicada, lia o Missal todos os dias, em voz alta, por volta das 17 horas, bem a tempo de rezar o rosário, às 18 horas — “Hora da Ave Maria”, ela dizia. Era assim todos os dias. E, com a mesma frequência com que fazia seu ritual religioso, também declamava cordéis, só que sem hora marcada, ao longo do dia. Eram versos que havia decorado, de tanto ler no passado, entre Encruzilhada e Caruaru, cidades de Pernambuco, onde morou durante a infância e a juventude. Eu ouvia, encantada, as rimas que ela recitava e, pra mim, pareciam ter a mesma importância que os textos religiosos do fim tarde, pelo tom de sua fala, pelo empenho que dava ao declamar cada estrofe.

Quando a luz faltava, por sua vez, vinha minha mãe com uma vela em uma das mãos e vários causos misteriosos na

ponta da língua. Relatos de quando morava na roça, envolvendo meus tios e avós entre os cafezais em que trabalhavam e o caminho de volta para casa. Lobisomens e almas penadas eram bem comuns naquelas paragens.

O fato é que, faz parte da nossa natureza, ouvir e partilhar, como seres gregários que somos. Meus avós, que não cheguei a conhecer, também tinham esse hábito, de compartilhar relatos, só que à luz do candeeiro. Minha mãe dizia que todas as noites, antes de dormir, conversavam sobre tudo; o dia, os acontecimentos, os causos...

E, como toda boa contadora, minha mãe também gostava de ouvir. Pedia que eu lesse pra ela, uma forma de passar o tempo. Enquanto eu me entregava à narrativa, via, pelos seus olhos, que sua imaginação viajava para muito longe.

Quantas lembranças ela plantou naquela pequena meia água de telhas francesas, na qual faço morada simbólica até hoje. Meu coração se enche de gratidão por seu empenho genuíno em fazer da minha infância uma época cheia de ludicidade.

Infelizmente, minha mãe partiu e a casa precisou ser demolida. Lembro de que, no dia da demolição, eu estava presente e tinha por volta de treze anos. Meu tio João, pedreiro, foi o responsável pelo feito. Com espanto, ele se deu conta de que a casa não tinha colunas, apenas alvenaria. Tanto que, com alguns empurrões conseguiu colocar todas as paredes à baixo,

numa só tarde.

Ao fim da empreitada, meu tio nos confessou: “Sinceramente, não sei como essa casa não caiu antes”. Não sabíamos o que responder. Hoje, no entanto, eu teria a resposta. Diria, com um sorriso no canto da boca: “A casa não caiu porque estava cheia de histórias”.

Esta obra foi composta
em Times New Roman para a editora
Panóplia Cultural

"Cantando Auroras" tem como tema a saudade e trata-se de uma homenagem à poetisa portuguesa Florbela Espanca e ao seu poema "Quadra D'Ele (1)", no qual a poetisa portuguesa afirma que "(..) Saudades e amarguras / Tenho eu todas as horas, / Quem noites só conheceu / Não pode cantar auroras."



editorapanoplia.com.br